

A organização semântica de categorias gramaticais: uma análise construcional de subordinadores adverbiais concessivos*

Andre Vinicius Lopes Coneglian^a

Resumo

No universo categorial dos subordinadores adverbiais complexos, especificamente os concessivos, este estudo objetiva explicitar padrões composicionais desses expedientes, de modo a revelar a sua organização semântica no espaço semântico de concessividade. Nessa medida, desenvolvem-se duas hipóteses centrais, que assim se explicitam: (i) argumenta-se que o modo pelo qual se interfaceiam os componentes morfossintático e semântico no estabelecimento de categorias gramaticais decorre de operações composicionais implicadas no estabelecimento do significado de expedientes linguísticos complexos (as construções); (ii) nesse encaminhamento, mais especificamente, propõe-se que a organização da categoria de subordinadores adverbiais concessivos parte de propriedades composicionais, semânticas, construcionais. Mostra-se, afinal, que os subordinadores concessivos complexos se organizam ao redor de um centro prototípico constituído por embora, ainda que e conquanto, que são semanticamente menos especificados.

Palavras-chave: Concessividade. Subordinador adverbial. Composicionalidade construcional.

Recebido em: 29/02/2020.

Aceito em: 08/05/2020.

* O autor agradece à Pró-Reitoria de Pesquisas da UFMG pela bolsa de pesquisa (processo n. 27764) que permitiu a realização deste trabalho. O autor agradece, também, a um parecerista anônimo pelos comentários e sugestões que, certamente, ajudaram a melhorar este texto.

^a Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: coneglian03@gmail.com.

Introdução

O estudo da estrutura gramatical da língua angulado em perspectiva funcional-cognitiva, privilegiando funções semânticas e pragmáticas de construções gramaticais, considera que tais funções necessariamente emergem da interação que os falantes têm com o mundo, na formação da experiência, e têm entre si, no processo interlocutivo. Assim, o significado construído por meio da linguagem não está apenas localizado em mentes individuais, conforme prega o psicologismo abstrato, mas também está situado, principalmente, nas interações discursivas das quais ele emerge (LANGACKER, 2013, p. 28). Nessa visão, a gramática de uma língua é aquela que faz a construção das significações, uma vez que, simbólica por natureza, ela governa combinação dos elementos na formação de estruturas linguísticas complexas (LANGACKER, 2013; GIVÓN, 2001). Desse modo, é possível – e é fundamental – determinar a ligação entre a estrutura conceptual da cognição humana expressa por meio das estruturas gramaticais e os processos de verbalização da experiência na comunicação (CROFT, 2007).

A própria organização da linguagem é extremamente reveladora do modo pelo qual noções conceptuais, configuradas intersubjetivamente na experiência, encontram especificação lexical e gramatical, na lexicogramática da língua. No que diz respeito a categorias lexicais, elas especificam todo o conteúdo conceptual, ou “conteúdo material” (LYONS, 1968), e basicamente qualquer noção pode ser codificada lexicalmente. No que diz respeito a categorias gramaticais, elas especificam relações entre conteúdos conceptuais e, como bem expõe Slobin (1997), apenas um conjunto pequeno de noções conceptuais pode ser gramaticizado.¹ Por exemplo, é um fato universal que as línguas do mundo exibem palavras (lexicais) para indicar categorias de cores e formas de objetos, no entanto não foi encontrada uma língua sequer que apresente morfemas gramaticais que expressem essas categorias (SLOBIN, 1997). Em contrapartida, noções temporais e aspectuais, por exemplo, encontram-se amplamente gramaticizadas nas línguas do mundo (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994).

É amplamente consensual, entretanto, a ideia funcionalista de que a organização da língua encerra uma zona fluida entre

¹ Usa-se o termo “gramaticizar” no mesmo sentido de Slobin (1997) de tornar-se gramatical ou de um conjunto universal e restrito de significados funcionais. Evita-se o uso de “gramaticalização”, aqui, pois não se trata de um estudo do desenvolvimento histórico das formas em questão, observando-se apenas as propriedades sincrônicas dos expedientes analisados.

os polos do léxico, de um lado, e da gramática, de outro – como se discute mais adiante neste texto –, sem que se verifique uma distinção rígida entre léxico e gramática. No português, um bom exemplo de categorias que ficam nessa tensão entre léxico e gramática é a dos subordinadores adverbiais complexos, formados por uma base lexical e uma partícula subordinadora, como **ainda que**. Uma particularidade desses subordinadores, no português, é que eles pertencem exclusivamente à zona semântica de causalidades, expressando causa, condição e concessão (CONEGLIAN, 2018). Aponte-se, de início, que, justamente por apresentarem especificações lexicais, provenientes da base, e especificações gramaticais, proveniente do subordinador, exibem propriedades composicionais altamente complexas, decorrentes de operações semânticas como ajuste focal e mesclagem (LANGACKER, 1987), como se discute a diante. Explicitar esses padrões composicionais é exatamente o objetivo central deste trabalho.

Considerando-se o universo categorias dos subordinadores adverbiais complexos, especificamente os concessivos, este estudo desenvolve duas hipóteses centrais assim explicitadas do ponto de vista teórico, argumenta-se que o modo pelo qual se interfaceiam os componentes morfossintático e semântico no estabelecimento de categorias gramaticais, particularmente, decorre de operações composicionais implicadas no estabelecimento do significado de expedientes linguísticos complexos (as construções); do ponto de vista operacional, considera-se que a organização da categoria de subordinadores adverbiais concessivos parte de propriedades composicionais, semânticas, construcionais.

Para tanto, o artigo assim se organiza: primeiramente, discute-se a noção de concessividade, invocando, também, as noções de construção gramatical, na qual se enquadra, inevitavelmente, uma concepção construcional de semântica, a qual apresenta uma implicação importante para a discussão de composicionalidade; a seguir, discutem-se as propriedades multifuncionais dos subordinadores concessivos do português brasileiro, argumentando-se que é exatamente com base nessas propriedades que se pode estabelecer uma categoria construcional para esses subordinadores; em seguida, partindo-se do estatuto categorial dos subordinadores, apresenta-se uma proposta de análise do seu significado com base na noção

de composicionalidade construcional e, então, a organização desses itens no espaço semântico da concessividade. Ao final, recuperam-se os principais pontos da proposta desenvolvida neste estudo, que confirmam a hipótese de que a organização de uma categoria gramatical altamente complexa decorre de suas propriedades construcionais.

O aporte teórico necessário: uma visão construcional de gramática e de semântica

Significado concessivo e sua expressão gramatical

O termo “concessivo” faz parte de uma lista de relações semânticas que as gramáticas tradicionais atribuem a um tipo de construção adverbial geralmente marcado pela conjunção *embora*. Nessa moldura tradicional, o significado de concessividade, instanciado por essas construções, é descrito como expressando uma contrariedade a uma expectativa ou uma barreira que impediria a realização de um evento expresso na oração nuclear.

Na moldura dos estudos cognitivo-funcionais, a concessividade é explicada pela sua relação semântica com outras zonas de significação: a causalidade-condicionalidade, e a adversidade. Quanto à sua relação com essa última zona, estudos textual-discursivos mostram que, apesar de essas construções desempenharem funções semelhantes (como a de restrição e a de correção, segundo Barth, 2000), existem restrições de ordem semântica que implicam os diferentes modos de organização da informação nessas construções (NEVES, 2011). Quanto à sua relação com a causalidade-condicionalidade, a concessividade implica tanto o arrazoamento causal quanto o condicional, ficando constituída uma zona de causalidades (NEVES, 2010, 2012; CONEGLIAN, 2014).

Explicar o significado concessivo por meio de sua relação com outras zonas de significação certamente lança luz ao funcionamento das construções adverbiais concessivas. No entanto esse direcionamento restringe a descrição do significado concessivo, visto que ele não é descrito em seus próprios termos e com base nas suas próprias propriedades semânticas.

Michaelis (1993, 1994) sugere, ainda, que a concessividade apresenta três componentes semânticos indispensáveis e que esses componentes, combinados, formam o “cenário concessivo”, como chama a autora, que configura a própria categoria semântica, conceptual, da concessividade. A sugestão da autora vai na direção de considerar que os elementos linguísticos empregados na expressão do significado concessivo possuem em sua estrutura semântica traços de significação dos componentes desse cenário concessivo. A ideia sugerida por Michaelis (1994) de que os elementos semânticos empregados na expressão da concessiva preservam alguma característica semântica do “cenário concessivo” é particularmente relevante para o que se desenvolve mais adiante, particularmente. Essa ideia vai diretamente ao encontro das hipóteses que se desenvolvem neste estudo.

Nesse sentido, deixam de ser necessárias as conceituações metafóricas para a concessividade, em termos de uma “barreira” ou de um “obstáculo”, e a caracterização da relação da concessividade com outras zonas de significação é apenas derivativa das propriedades conceptuais que essa categoria apresenta. A conceituação de concessividade pode facilmente ser feita com base em componentes semânticos que são verificáveis nas construções linguísticas que expressam esse significado. Como se mostra mais adiante, as noções semânticas que estão na base dos subordinadores adverbiais concessivos são altamente esquemáticas e, portanto, com pouca elaboração conceptual.

Construções gramaticais e o mapeamento forma e sentido na língua

Central ao desenvolvimento deste estudo é, exatamente, a noção de construção gramatical, que está ligada à natureza simbólica da linguagem e às funções desempenhadas pela língua. A visão de uma gramática organizada em construções prevê um sistema de representações por meio do qual estejam representados todos os padrões construcionais de uma língua (FILLMORE; KAY, 1999). Fillmore (1988, p. 36) define uma construção gramatical como qualquer padrão (sintaxe) ao qual estão associados um ou mais significados convencionais (semântica) a um ou a mais usos (pragmática). As construções

linguísticas são, nessa medida, pareamentos convencionais entre forma linguística e conteúdo conceptual que resultam dos processos de organização mental da experiência humana (GOLDBERG, 2012).

Nesse modo de ver, postula-se a determinação conceptual sobre os componentes semântico-pragmáticos e sobre a estrutura sintática. Essa posição é adotada especialmente por Croft (2001, 2005) em sua teoria sintática “radical”,² segundo a qual as construções são representações sintáticas, e as categorias linguísticas são definidas pela função que exercem nas construções. Desse modo, fica possível caracterizar tanto a representação das categorias e das funções na mente do falante (conceptualização) quanto as estruturas linguísticas, que, quando convencionalizadas e estruturadas como um inventário, constituem a gramática da língua. Há, nessa medida, uma relação simbólica entre a forma e o significado das construções, e tal relação é interna à própria construção, ficando, assim, imbricadas a estrutura sintática e o significado instanciado.

Nesse modo de condução, não são as relações sintáticas a representação básica gramatical; pelo contrário, as unidades gramaticais de análise são as construções, que, como mostra Langacker (1987, p. 73), estão organizadas como um inventário estruturado de unidades linguísticas convencionais, no qual determinadas unidades funcionam como componentes de outras. Esse grande inventário de unidades, estruturadas e hierarquizadas com sobreposições (funcionais) e com zonas de intersecção, é representado como uma rede taxonômica de construções, na qual cada construção constitui um nó (CROFT, 2001, p. 25).

Considerando-se essa configuração teórica assim discutida, pode-se indicar o tratamento construcional da gramática em três pontos mais gerais (CROFT, 2001): (i) o conhecimento gramatical do falante de uma língua está organizado por meio de construções, que são unidades simbólicas de diferentes complexidades – as mais complexas e mais esquemáticas são as construções sintáticas (por exemplo, construções de estrutura argumental), ao passo que as mais atômicas e mais substantivas são as construções lexicais (por exemplo, demonstrativos e adjetivos); (ii) as unidades básicas da representação gramatical são unidades simbólicas, o que implica abandonar traços e propriedades que são verificáveis na sintaxe e no léxico, e

² Do inglês, *Radical Construction Grammar*.

considerar que construções gramaticais especificam tanto a forma (propriedades sintáticas) quanto o sentido (propriedades semânticas e pragmáticas); (iii) as construções de uma língua formam o inventário estruturado do conhecimento do falante a respeito das convenções da sua língua, inventário esse estruturado na forma de uma rede taxonômica.

Assume-se, portanto, a existência de ligações convencionalizadas entre propriedades semântico-pragmáticas e construções, não apenas no nível da morfologia (interno à palavra) mas também no nível da sintaxe. Essas ligações representam os traços de “composicionalidade construcional” (DANCYGIER; SWEETSER, 2005, p. 9), que se definem tanto pelo significado linguístico convencionalizado quanto pelo significado contextualmente determinado. É exatamente para essa convencionalização da expressão de determinados significados por meio de expedientes gramaticais que a discussão procede a seguir, argumentando-se que apenas algumas noções chegam, de fato, a alcançar alguma forma de expressão no sistema gramatical da língua - como indicam Slobin (1997) e Talmy (2000).

Composicionalidade construcional e operações semânticas construturais

Na discussão da estrutura simbólica das construções linguísticas, um dos pontos a ser investigado é o da natureza do elo simbólico que une o plano da forma (com suas propriedades morfossintáticas e fonológicas) ao plano do conteúdo (com suas propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais).

Um aspecto importante da construção linguística da significação são as operações linguísticas construturais (*construal operations*), entendidas como instâncias de operações cognitivas mais gerais que impõem sua estrutura sobre as construções da língua. Construtura se define como a estrutura semântica de uma experiência,³ e a principal característica de operações dessa natureza é o fato de que a mesma experiência pode ser conceptualizada de diferentes maneiras (CROFT, 2012).

Obviamente, não é necessário recorrer a construções diferentes para verificar essa possibilidade. O fato de uma língua (como a portuguesa) dispor de um conjunto de subordinadores adverbiais concessivos é uma forte indicação de que, ainda

³ Experiência diz respeito a qualquer aspecto do mundo real que seja apreensível à cognição humana, e “significado” e “estrutura semântica” dizem respeito ao modo de compreensão dessa experiência que é relevante para a sua formulação linguística (CROFT, 2012).

que eles expressem o significado básico de concessividade na relação entre o segmento adverbial e o segmento nuclear, há aspectos diferentes da conceptualização desse significado ativados pelos subordinadores (CONEGLIAN, 2018). Essa não é uma particularidade dos subordinadores adverbiais concessivos, já que se aplica a todos os subordinadores das zonas de causalidade, condicionalidade e concessividade. Considerem-se as ocorrências⁴ a seguir específicas das zonas de causalidade e de concessividade.

- (1) O fato de Monje querer ele mesmo ser o líder da revolução, **ainda que** recusando-se a ir para o lugar onde se travava a luta principal, é questão de pormenor. (CDP:19Or:Br:Intrv:Com)
- (2) Isso tudo mostra que as cotas funcionam, **mesmo que** alguns partidos não as tenham preenchido. (CDP:19Or:Br:Intrv:Cid)
- (3) **Já que** não há dinheiro no bolso, as financeiras optaram pelo prazo, captando recursos com juros baratos de 6% ao ano e aplicando na praça dos 8% de juros ao mês, ganhando bruto 96% em um ano. (CDP:19Or:Br:Intrv:Com)
- (4) Ele observa, porém, que trabalha apenas com carros que não dão trabalho, **uma vez que** faz uma inspeção rigorosa antes de coloca-los à venda. (CDP:19N:Br:PA)
- (5) Em face das peculiaridades do local, o sítio fora escolhido para abrigar a escola da comunidade, sem qualquer objeção da parte de Nonô, **visto que** ele mesmo tinha oito filhos, todos em idade escolar e ansiosos para beber os ensinamentos ministrados pelos paulistas. (CDP:19:Fic:Br:Cabral:Xamboia)

Pode-se verificar, em todas as ocorrências de concessividade, (1) e (2), que: (i) a relação de concessividade é particularizada segundo as noções semânticas da base componente do subordinador que explicita essa relação; (ii) portanto, a semântica da base lexical impõe uma estrutura semântica específica à experiência verbalizada. No caso dos subordinadores causais, em (3) a (5), isso é alcançado, nas ocorrências apresentadas, por meio noções de temporalidade (**uma vez que**), aspectualidade (**já que**) e evidencialidade (**visto que**) e, no caso dos subordinadores concessivos, por meio de noções de persistência (**ainda que**), escalaridade (**mesmo que**) e avaliação (**se bem que**) (CONEGLIAN, 2018). A ideia de que

⁴ As ocorrências apresentadas neste artigo foram coletadas no *Cópus do português* (DAVIES, 2015). Ao lado de cada ocorrência, está a sua indicação no *Cópus* entre parênteses

esses subordinadores adverbiais de natureza morfossemântica complexa especificam a natureza da relação entre o segmento nuclear e o segmento adverbial (expressando, assim, uma relação muito mais específica e restrita entre esses segmentos) não é ausente dos estudos linguísticos (HALLIDAY, 1994 [1985]; MONTOLÍO, 2000; NEVES, 2006). Entretanto não está disponível uma investigação que busque verificar a importação conceptual trazida por esses itens para a estrutura semântica das construções adverbiais, como mostra Coneglian (2018).

Os fatos da análise em questão: os subordinadores adverbiais concessivos no português brasileiro

Dada a natureza do objeto com que se trabalha neste estudo, os subordinadores adverbiais, duas considerações a respeito da sua natureza merecem destaque. Primeiramente, não se pode negar a multifuncionalidade desses itens gramaticais, e ela deve ser captada por um modelo em que fiquem explicitadas todas as suas propriedades funcionais. Se, de fato, for possível captar essa multifuncionalidade – e, neste texto, mostra-se que é possível em um modelo construcional adotado –, é necessário explicitar o estatuto dessa categoria construcional, cujas propriedades (composicionais) semânticas podem revelar o modo pelo qual conceptualmente a categoria se organiza – como se mostra adiante.

As propriedades funcionais e cognitivas dos subordinadores adverbiais, com foco nos concessivos⁵

Uma definição inicial de subordinação segundo os princípios cognitivistas permitirá o tratamento das propriedades cognitivas dos itens conjuntivos adverbiais complexos.

Na perspectiva cognitivista, a subordinação é definida valendo-se de noções de *gestalt* e de noções perceptuais (CROFT, 2001; TALMY, 2000), ou, ainda, de certas assunções a respeito do perfilamento⁶ das construções de subordinação (LANGACKER, 1991, 2008). Nessa visão, tem-se uma assimetria entre os eventos codificados nos segmentos em combinação: ao “segmento nuclear” é atribuída maior proeminência cognitiva na estruturação da cena de evento, enquanto ao “segmento subordinado” é atribuída menor proeminência no perfilamento de um evento complexo. A diferença na

⁵Estaseção é amplamente fundamentada na discussão de Neves & Coneglian (2018), na qual se explicitam as propriedades funcionais e cognitivas constitutivas de subordinadores adverbiais.

⁶“Perfilamento” diz respeito à estrutura cognitiva e linguística de um evento.

atribuição de proeminência está associada à distinção entre “figura”, papel desempenhado pelo segmento nuclear, e “fundo”, papel desempenhado pelo segmento subordinado (CROFT, 2001; TALMY, 2000).

Segundo Langacker (2014), a continência simbólica que se verifica em estruturas subordinadas não é a propriedade relevante para a caracterização de estruturas tradicionalmente chamadas de ‘subordinadas adverbiais’. O que se verifica nessas estruturas é um tipo de subordinação funcional, em que o segmento adverbial preserva, cognitivamente, seu próprio perfilamento, aparecendo, portanto, em seu próprio nível básico de atenção (LANGACKER, 2014). Nessa perspectiva, em uma construção subordinada adverbial – a qual tem uma oração (ou um segmento) nuclear e uma oração (ou um segmento) subordinada adverbial – há dois eventos perfilados, e não um único evento. Dado esse duplo perfilamento, nessas construções, não se verifica aquele tipo clássico de continência, ainda que fique verificada uma assimetria na conceptualização dos eventos (LANGACKER, 2014, p. 68)

Os subordinadores conjuncionais adverbiais marcam a diferença de proeminência entre os eventos perfilados em uma e em outra oração, e essa é a função básica desses elementos. Um fato importante é que esses subordinadores apresentam variação no grau de esquematicidade e de conteúdo (LANGACKER, 1991), que pode ser verificável nos subordinadores concessivos complexos do português brasileiro. O caminho está na explicitação do modo pelo qual *frames* e esquemas imagéticos evocados por esses itens subordinadores se inter-relacionam coerentemente dentro do domínio da concessividade – a partir do entendimento de que essa coerência conceptual faz que os falantes atribuam a esses itens o significado concessivo, e não, simplesmente, o significado literal de suas bases formadoras (CROFT, 1993, 1998). Essa questão está diretamente ligada à composição semântica de tais itens, e na próxima seção se traz uma discussão da visão cognitivista da composicionalidade (LANGACKER, 1987, 1999), especialmente quanto ao fato de que o ponto angular é o significado concessivo estabelecido construcionalmente (DANCYGIER, 2004).

Os subordinadores adverbiais como uma categoria construcional

O elenco de subordinadores adverbiais, no português brasileiro, abriga termos que são mais opacos e, por isso, semanticamente menos determinados, como é o caso de **porque, se e embora**, bem como abriga termos que, compostos por uma base lexical, são semanticamente mais especificados, como é o caso de **já que, desde que, ainda que, se bem que**, entre outros. Essa especificação semântica não anula a existência de uma relação de causalidade, de condicionalidade, ou de concessividade entre os segmentos. Pelo contrário, a especificidade semântica desses subordinadores compostos representa a natureza da conceptualização (causal, condicional ou concessiva) existente entre os eventos, esclarecendo vínculos com a verbalização (a enunciação) da experiência.

A ideia de considerar os subordinadores adverbiais como uma categoria construcional está amparada no modelo cognitivo-funcional desenvolvido ao longo deste trabalho. Ora, se uma construção gramatical se configura, como tem sido repetidamente demonstrado, pelo mapeamento entre forma e significado, os subordinadores adverbiais, sejam eles simples sejam complexos, configuram construções gramaticais.

Nesse modo de condução, considerar os subordinadores adverbiais concessivos como uma categoria construcional implica explicitar o modo pelo qual se sustentam o mapeamento entre forma-função desses itens (questão ligada à sua composicionalidade), assim como implica estabelecer o modo pelo qual esses itens se organizam no espaço semântico da concessividade, para configurar um mapa semântico que esquematize e reflita, até certo ponto, a organização gramatical da categoria concessiva (CROFT, 2001, 2003; HASPELMATH, 2003).

No que diz respeito à composicionalidade dos subordinadores concessivos, a questão que cabe contemplar é o modo pelo qual se estabelece o significado de concessividade dos itens que são gramaticalmente complexos, ou seja, compostos por uma base lexical e uma partícula subordinativa. Nesse sentido, uma proposta de análise ancorada nas relações simbólicas que se sustentam nesses itens gramaticais é desenvolvida neste artigo.

A princípio, pode parecer que o elemento gramatical do complexo conectivo não contribui semanticamente para a construção, no entanto, é necessário recuperar duas premissas básicas da visão cognitivo-funcional, já apresentadas no início deste artigo: (i) não existe uma divisão rígida entre léxico e gramática, mas há um contínuo que se estabelece entre esses dois polos (FILLMORE, 2008; HALLIDAY, 1994; LANGACKER, 1987; MICHAELIS, 2013); (ii) o significado lexical reside no conteúdo conceptual que esses itens evocam, e o significado gramatical reside no esquema simbólico evocado (visão particularmente encontrada em Langacker, 1987, e em Croft, 2001).

Podem-se estabelecer, na classe dos subordinadores concessivos, dois subgrupos de acordo com sua natureza morfossintática, como apresenta o Quadro 1, a seguir.

Quadro 1. Os subordinadores adverbiais concessivos do português brasileiro quanto a sua natureza construcional¹

Subordinadores adverbiais concessivos no português brasileiro	
subordinadores simples	subordinadores complexos
Embora Conquanto	mesmo que, ainda que, nem que; apesar (de) que, se bem que; por mais que, por muito que, por menos que

Como está evidente, os subordinadores **embora** e **conquanto** configuram-se como construções simples, ao passo que os outros subordinadores se configuram como construções complexas, pois contêm mais de uma unidade simbólica, seguindo o esquema geral [[base lexical] [que]].

Numa direção cognitivo-funcional, a categoria de subordinadores adverbiais complexos constitui um terreno fértil para análises. Por um lado, um exame das locuções pode revelar o mapeamento das categorias linguísticas e conceptuais acionadas na configuração de noções adverbiais, como causalidade, condicionalidade e concessividade, por meio da uma verificação da sua base.⁸ Por outro lado – e é justamente nesse ponto que o presente estudo põe seu foco –, um exame das locuções pode revelar os modos pelos quais se estabelecem as seguintes relações: a de integração, que se dá entre os elementos componentes; a de composição, que se dá entre os componentes e a estrutura composta.

⁷Os subordinadores que compõem o Quadro 1 foram recolhidos em uma gramática de referência da língua portuguesa (NEVES, 2011). Um parecerista anônimo questionou o porquê de não incluir construções como “não obstante”, “por melhor que”, “ainda quando”, entre outras. São dois os argumentos para a não inclusão: (i) do ponto de vista operacional, optou-se por considerar apenas os subordinadores que constam numa gramática de referência do português; (ii) do ponto de vista teórico, esses itens não constituem subordinadores adverbiais gramaticizados propriamente, por exemplo, a construção “por melhor que” pode ser uma variante da fórmula “por x que”, em que x é um quantificador ou adjetivo avaliativo. Para um arrazoado a respeito dessas construções, veja-se, especificamente, Coneglian (2019).

⁸ Mencione-se que estudos dessa ordem foram conduzidos tanto para o português (NEVES, 2006; CONEGLIAN, 2018), quanto para o espanhol (MONTOLÍO, 2000) e outras línguas indo-europeias (KORTMAN, 1997), em diferentes perspectivas teóricas.

Antes de proceder ao mapeamento da composição dos subordinadores complexos, é importante considerar, em uma perspectiva cognitivo-funcional, a sua funcionalidade. Afinal, a função que eles exercem nas construções adverbiais concessivas é um parâmetro imprescindível para o estabelecimento da categoria construcional dos subordinadores adverbiais.

A condução da proposta: a composição semântica dos subordinadores concessivos no português brasileiro

A composicionalidade construcional de subordinadores adverbiais complexos

A questão da composicionalidade é central para qualquer teoria linguística (e para qualquer teoria gramatical), pois lida com um fato básico da linguagem humana: o modo pelo qual, por meio arranjo das peças, as significações se estabelecem. Tradicionalmente, no campo da Linguística, a composicionalidade é vista como uma relação que existe entre significado e estrutura, isto é, entende-se que o significado de uma expressão complexa é plenamente determinado (ou calculado, como postulam teorias formalistas) pelas estruturas e dos significados de seus elementos constituintes. Tome-se como exemplo uma sentença como *O menino comeu o bolo*, cujo significado é determinado pelas partes [[o] [menino]], [comeu] e [[o] [bolo]], cada uma, de igual modo, com suas regras próprias de composição. Nessa direção, mais especificamente, postula-se um princípio geral de composicionalidade, de acordo com o qual deve haver uma correspondência um a um entre operações sintáticas e operações semânticas; ou seja, mais precisamente: “para cada operação sintática deve haver uma operação semântica correspondente” (BARKER; JACOBSON, 2010, p. 02). Na composição do significado de uma expressão complexa como a sentença *O menino comeu o bolo*, atuam tanto as operações sintáticas, que é o modo como as peças são arranjadas, quanto os significados dos itens lexicais, que são as próprias peças arranjadas na sentença.

Em uma perspectiva cognitivamente orientada fica assumida a relação entre a estrutura (sintática) e o significado de uma construção. No entanto essa relação é postulada como menos direta e mais nuançada do que tradicionalmente se

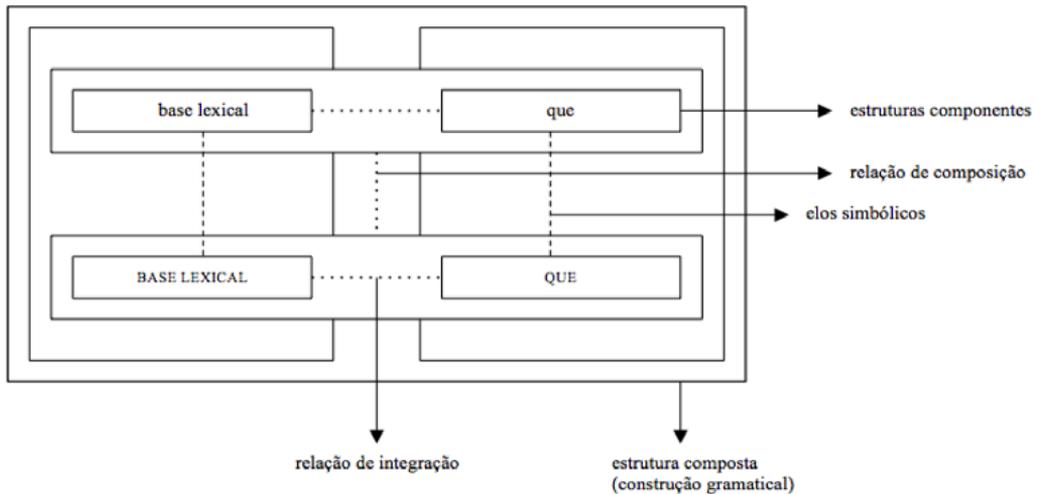
assume, porque nela intervêm fatores de ordem cognitiva. Na verdade, a composicionalidade plena⁹ de expressões complexas é um fato linguístico raro, senão impossível de verificar (CROFT, 2001; SWEETSER, 1999). Nessa visão, a norma (normalidade) que se concebe é que as regras de composição que determinam os significados de expressões complexas flexibilizem o ‘cálculo’ do seu significado, o que se deve, principalmente, ao fato de que as peças linguísticas componentes de uma estrutura composta ocorrem em um esquema construcional.

Assim, há a considerar que, uma vez que as construções em si carregam uma estrutura simbólica (ainda que apenas esquemática), as regras de combinação e de dependência entre as peças de uma construção são estabelecidas localmente, ou seja, na própria construção, e internamente a ela própria – uma visão diferente daquelas que propõem regras de combinação (de ligação) como externas às peças linguísticas (CROFT; CRUSE, 2004).

Considere-se o caso dos subordinadores adverbiais concessivos complexos, cujo esquema construcional, conforme apresentado anteriormente, é [[base lexical] [que]]. Nessa construção, sustentam-se duas relações, uma entre as próprias partes componentes (a [base lexical] e a partícula [que]), e outra entre as partes componentes e a estrutura composta (como já devidamente explicitado em partes anteriores desta tese). No entanto, essas duas relações são de natureza diferente. A relação que se estabelece entre as partes componentes da construção configura-se como de integração, na qual se configuram dependências colocacionais, ao passo que a relação das partes componentes com a estrutura composta é de composição, da qual resulta um significado construcional (LANGACKER, 1987, 1999; CROFT, 2001, 2003). A Figura 1, a seguir, esquematiza a representação da construção de um subordinador complexo, explicitando as relações de integração e as de composição.

⁹ Ressalva Croft (2001) que é possível encontrar instâncias desse tipo em vocabulário técnico, no entanto esse tipo de vocabulário tem seu uso restrito a seus campos de especialidade.

Fig. 1. Relações de composição e de integração em subordinadores complexos.



Note-se que, como mostra a Figura 1, as relações de integração e as de composição vêm representadas no esquema construcional. O fato de essas relações serem internas à construção gramatical – neste caso, à construção dos subordinadores adverbiais complexos – implica que essas relações são específicas da construção, ou seja, a construção em si passa a ser a unidade que evoca as relações “parte-todo” que são estabelecidas simbolicamente.¹⁰ Fala-se em relações “parte-todo”, pois as relações de integração dizem respeito às partes componentes de uma construção, e a relação de composição, à estrutura (construcional) composta (CROFT, 2001).

Ora, se se considerar o subordinador adverbial concessivo **ainda que**, globalmente, o significado desse subordinador é o de concessividade, sem que configure um significado derivado diretamente dos componentes. Deve atuar, portanto, alguma operação semântica que seleciona o traço relevante dos componentes (**ainda e que**) que devem ser projetados para a estrutura composta. O mesmo pode-se dizer, por exemplo, do subordinador **se bem que**, cujo significado concessivo não se configura pela mera soma de suas partes. E, no caso desse subordinador, diferentemente do que ocorre com **ainda que**, há, ainda, a necessidade de verificar o modo pelo qual a base adverbial **bem** se liga à concessividade.

Ocorre que, como se discutirá na seção seguinte, parte da constituição do significado desses subordinadores depende

¹⁰ Talvez esse seja o ponto principal de uma visão construcional da gramática de uma língua, pois é o fato de as relações de composição e de integração serem internas às construções gramaticais que constitui cada uma delas como uma construção, propriamente (CROFT, 2001). Quando duas ou mais construções compartilham essas relações, verifica-se entre elas uma relação de herança construcional (GOLDBERG; JACKENDOFF, 2004; GOLDBERG, 2016; KAY; MICHAELIS, 2012:). Discutir a fundo essa questão está além dos objetivos deste artigo.

do ajustamento de domínios (ou *frames*) semânticos (CROFT, 1993): no caso de **ainda que**, por exemplo, existe um ajuste entre o domínio temporal (da base lexical) e o domínio concessivo (do subordinador). Esses ajustes de domínios dependem amplamente do **ajuste focal**,¹¹ no qual diferentes faces do significado de uma palavra (ou expressão) podem ser evocados, a depender do contexto construcional em que ocorrem (LANGACKER, 1987, p. 116-117).

A distribuição categorial dos subordinadores complexos dentro de um espaço semântico de concessividade

Uma das assunções centrais do cognitivismo linguístico é que o significado das unidades lexicais de uma língua é enciclopédico, isto é, tudo o que o falante sabe a respeito de uma unidade lexical é relevante para o significado – desde as acepções até os usos dessa unidade (HAIMAN, 1985; GIVÓN, 2001; LANGACKER, 1987). Disso tem-se o fato de que é difícil estabelecer os limites entre a representação semântica e o conhecimento de mundo do falante sobre um determinado conceito (CROFT, 1993; DIK, 1997; GÄRDENFORS, 2014). Desses fatos decorre outro, ainda, já discutido aqui, o de que os expedientes linguísticos que estão à disposição do falante são geralmente multifuncionais e apresentam um caráter polissêmico (CROFT, 1998; NEVES, 2002; SWEETSER, 1990), uma vez que, como diz Langacker (1999, p. 61), seria impossível haver uma unidade lexical para cada noção e conceito que os falantes desejassem verbalizar. Aí está, pois, o papel da gramática: permitir a combinação das unidades de modo a expressar novos conceitos e novas experiências – por meio de peças e de esquemas anteriormente utilizados (CHAFE, 2005; CROFT, 2000; TALMY, 2000).

Ocorre que, no processo de combinação das unidades, vários ajustes têm de ser feitos, para que, como estrutura composta, elas constituam um todo coerente. No caso específico dos subordinadores complexos com que se tem lidado neste estudo, supõe-se que exista algum tipo de ajuste que ocorre entre o significado da base lexical e o da partícula gramatical que formam esse subordinador. Caso contrário, a acepção

¹¹ É importante notar que o fenômeno de ajuste focal é um fenômeno que deriva do sistema cognitivo de atenção (veja-se Talmy, 2000).

temporal de **ainda**, em **ainda que**, ou a acepção de identidade de **mesmo**, em **mesmo que** não fariam chegar ao significado concessivo desses subordinadores.

Em uma visão cognitivo-funcional da gramática e da significação, operada em uma combinação de peças componentes sancionada pela gramática, os aspectos mais relevantes do universo simbólico de cada uma das peças são postos em foco na constituição do significado da estrutura composta (LANGACKER, 1987, 1999). Explica Langacker (1987, p.117) que o processo de ajuste focal na linguagem é motivado pelo fato básico da cognição humana de um falante poder construir cognitivamente uma mesma experiência de diferentes maneiras e, assim, fazer a construção linguística de modos alternativos – como se tem mostrado ao longo deste trabalho – por recurso ao exame dos vários meios pelos quais o significado concessivo pode ser construído na linguagem. Nessa linha, a investigação dos ajustes focais na linguagem pode conduzir a um mapeamento das noções e dos conceitos que são evocados para a expressão de um determinado domínio semântico. Assim, as bases lexicais dos subordinadores concessivos complexos podem revelar quais sejam as noções e conceitos que estão na base para a constituição do complexo domínio da concessividade.

O ponto de partida da análise é agrupar os subordinadores complexos quanto à sua natureza semântica. Há um grupo caracterizado pelos subordinadores mais opacos e menos determinados semanticamente, como é o caso de **embora**, **conquanto** e **ainda que**. Há um segundo grupo formado por subordinadores que têm, na sua base, um item lexical de natureza escalar/quantificadora, como é o caso de **mesmo que**, **nem que**, **por mais que**, **por muito que**, **por menos que**, **por pouco que**. E há um terceiro grupo formado dos subordinadores que têm sua base lexical itens avaliativos, como é o caso de **apesar (de) que** e de **se bem que**.

Note-se que os subordinadores desse conjunto total podem, ainda, ser classificados entre aqueles que têm como base lexical um item de polaridade positiva e aqueles cuja base apresenta um item marcado por polarização negativa. Veja-se o Quadro 02, a seguir, em que se esquematiza essa classificação.

Os subordinadores **embora, conquanto e ainda que**, justamente por não apresentarem especificação semântica quanto à polaridade, ou seja, justamente por serem itens neutros, podem ir tanto para uma direção quanto para outra no que diz respeito à polaridade. Contudo, o fato mais importante a observar é que esses três subordinadores estabelecem correspondência com os outros subordinadores concessivos. No domínio da escalaridade, o subordinador **ainda que** é o ponto neutro entre **mesmo que** (positivo) e **nem que** (negativo); no domínio da quantificação, o subordinador **conquanto** é o ponto neutro entre os subordinadores **por muito/mais que** (positivo) e **por pouco/menos que** (negativo). E no domínio da avaliação, o subordinador **embora** é o ponto neutro entre os subordinadores **se bem que** (positivo) e **apesar (de) que** (negativo).

Aponte-se, ainda, que as noções semânticas de escalaridade e de avaliação, tal qual se verifica nas bases lexicais desses subordinadores, estão dentro de um esquema mais genérico de quantificação – não é acidental que, no Quadro 2, a base quantificadora aparece entre as outras duas bases. A aspectualização da quantificação resulta em esquemas escalares que, tanto no polo positivo quanto no negativo, são pragmaticamente determinados (ISRAEL, 2011). A atribuição de um julgamento de valor à quantificação resulta em esquemas avaliativos que, tanto no polo positivo quanto no negativo, revelam a postura epistêmica de um falante com relação ao enunciado marcado pro **se bem que** e **apesar de que**.

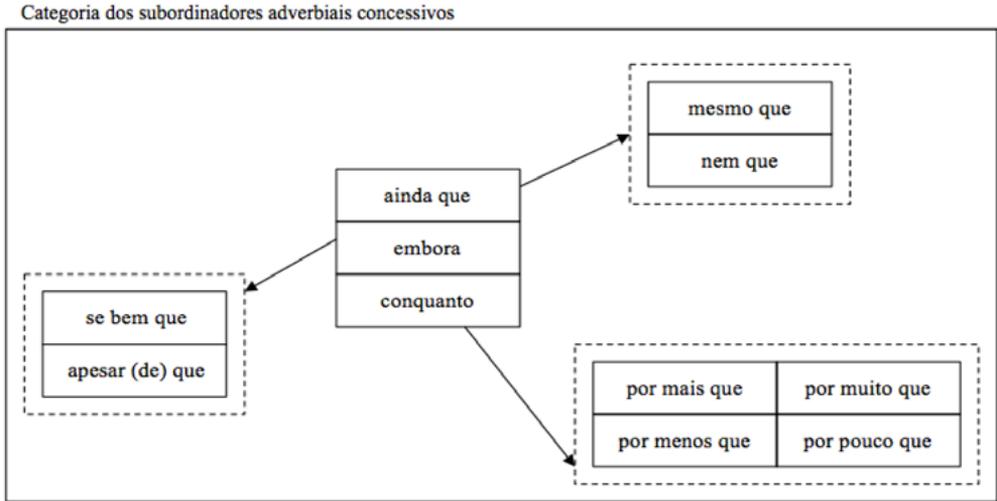
Quadro 2. A correspondência de polaridade nas bases lexicais dos subordinadores concessivos complexos.¹²

	Grupo 2		Grupo 3
	base escalar	Base quantificadora	base avaliativa
polaridade positiva	mesmo que	por mais que por muito que	se bem que
polaridade negativa	nem que	por menos que por pouco que	apesar (de) que

Com base nessas correspondências, é possível estabelecer uma distribuição em que os subordinadores concessivos semanticamente menos determinados ocupem o centro da organização dessa categoria de subordinadores. Considere-se, pois, o esquema distribucional representado na Figura 02, a seguir.

¹² Veja-se nota 7.

Fig. 2. A organização categorial dos subordinadores adverbiais concessivos no português brasileiro.



Esse tipo de distribuição categorial leva inevitavelmente a uma discussão sobre os princípios de categorização. Numa visão cognitivo-funcional, as categorias linguísticas não são discretas e constituem-se ao redor de um protótipo de tal modo que os membros não centrais dessa categoria se estabelecem como periféricos (LAKOFF, 1987; ROSCH, 1975). Nesse modelo, o protótipo de uma categoria é aquele membro que melhor representa essa categoria, seja porque apresenta o maior número de propriedades dela, seja porque é aquele membro que se mostra mais frequente (GEERAERTS, 1989; GILQUIN, 2006). No entanto, conforme representa o esquema na Figura 2, o centro semântico da categoria dos subordinadores é ocupado pelos três subordinadores que justamente não apresentam nenhuma especificação, sendo, até mesmo, os mais opacos da categoria.

O fato de os subordinadores que estão na periferia da categoria serem altamente especificados semanticamente implica uma especificação desses itens quanto à expressão da concessividade: ou seja, esses subordinadores se especializam na expressão de um ou de outro aspecto semântico da concessividade.¹³ Ocorre que os três subordinadores menos especificados são justamente aqueles que podem evocar qualquer um dos esquemas que os outros subordinadores evocam. Nessa medida, a indeterminação semântica desses

¹³ Para uma discussão a respeito dos vários aspectos semânticos da concessividade, veja-se Coneglian (2019).

itens não é impedimento para seu caráter de prototipia, antes é o próprio motivo pelo qual esses itens podem melhor “representar” a categoria dos subordinadores concessivos.

Considerações finais: da composição semântica à organização categorial

A proposta de considerar os subordinadores adverbiais concessivos como uma categoria construcional traz, pois, duas importantes implicações, discutidas no artigo. Em primeiro lugar, como havia sido previsto nas hipóteses lançadas no início do estudo, comprova-se que a composição do significado desses itens deve ser vista dentro de uma moldura que permita considerar a relação que as partes componentes estabelecem entre si (as relações de integração) bem como as relações que as partes componentes assumem com a estrutura composta. E o que fica evidenciado é o fato de que o significado global da construção “interfere” no significado das partes, especificamente como previa a segunda hipótese. Assim, o que se verifica é que existe um ajuste (focal) entre as peças componentes de um subordinador adverbial, neste caso o concessivo. Em segundo lugar, por meio da verificação dos ajustes semânticos que são feitos e dos traços que cada base lexical aporta, é possível estabelecer o modo pelo qual essa categoria está semanticamente organizada.

Os subordinadores adverbiais concessivos configuram uma categoria construcional. Nessa categoria, é possível verificar que os subordinadores que formam o centro prototípico da categoria são justamente aqueles mais opacos e semanticamente menos determinados (como **embora**, **conquanto** e **ainda que**), bem como se verifica que, ao redor desse centro, se agrupam conectivos que compartilham o mesmo traço semântico de escalaridade (propriedade derivada diretamente do sistema de dinâmica de forças), de quantidade e de avaliação.

Deve-se apontar, ao final, que o modelo apresentado aqui para os subordinadores concessivos é esquemático o suficiente para que se possa conduzir uma investigação da composicionalidade e da estrutura categorial de subordinadores adverbiais de outros domínios semânticos, como o de causalidade e o de condicionalidade (NEVES; CONEGLIAN, no prelo).

REFERÊNCIAS

BARKER, C.; JACOBSON, P. Introduction: direct compositionality. In: BARKER, C.; JACOBSON, P. (Org.). *Direct compositionality*. Oxford: OUP, 2010.

BARTH, D. "that's true, although not really, but still: Expressing concession in spoken English. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Org.) *Cause, condition, concession and contrast*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar – tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CHAFE, W. The relation of grammar to thought. In: BUTLER, C.; GÓMEZ-GONZÁLES, M. A.; DOVAL-SUÁREZ, S. M. (Orgs.) *The Dynamics of Language Use: Functional and Contrastive Perspectives*, Amsterdam: John Benjamins, 2005.

CONEGLIAN, A. V. L. A fluída zona linguística das causalidades: áreas de contraste e de sobreposição. *Signo*, [s. l], vol. 39, n. 67. 2014.

_____. Especificações semânticas em subordinadores adverbiais complexos da zona de causalidades. In: NEVES, M. H. M.; BARROS, D. L. P. de. *A gramática e seu interfaceamento com os campos de atuação na comunidade*. Araraquara: Editora Cultura Acadêmica, 2018.

_____. *A expressão da concessividade no português brasileiro: as construções gramaticais em interface com padrões e sistemas cognitivos*. 2019 Tese (doutorado em Letras) – Centro de Comunicação e Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

CROFT, W. The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. In: *Cognitive Linguistics*, [s. l], v. 4, n. 4. 1993. p. 335-370.

_____. Linguistic evidence and mental representations. *Cognitive Linguistics*, [s. l], v. 9, n. 2. 1998. p. 151-173.

CROFT, W. *Explaining language change: an evolutionary approach*. Harlow, Essex: Longman, 2000.

_____. *Radical Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

_____. *Typology and universals*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

_____. Logical and typological arguments for radical construction grammar. In: FRIED, Mirjam; ÖSTMAN, Jan-Ola. (Orgs.) *Construction Grammars*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

_____. The origins of grammar in the verbalization of experience. In: *Cognitive Linguistics*, [s. l], vol. 18, n. 3, p. 339-382. 2007.

_____. *Verbs*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

CROFT, W.; CRUSE, A. D. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DANCYGIER, B. Constructional compositionality and blending: the case of the Polish SLVF constructions. In: *BLS*, [s. l], n.30. 2004. p.456-467.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. *Mental spaces in grammar – conditional constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. 2 ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997. 2v.

FILLMORE, C. The mechanisms of constructions grammar. In: *BLS*, [s. l], vol. 14. 1988.

_____. *Border conflicts: FrameNet meets Construction Grammar*. 2008. Disponível em: http://www.euralex.org/elx_proceedings/Euralex2008/002_Euralex_2008_Plenary_Charles%20Fillmore_Border%20Conflicts_FrameNet%20Meets%20Construction%20Grammar.pdf . Acesso em: 26 de fev. 2020.

FILLMORE, C.; KAY, P. Grammatical constructions and linguistic generalizations: the what's X doing? construction. *Language*, [s. l], vol. 75, n.1. 1999.

GÄRDENFORS, P. *The geometry of meaning: semantics based on conceptual spaces*. Cambridge: The MIT Pres, 2014.

GEERAERTS, D. Where does prototypicality comes from? *In: RUDZKA-OSTYN, B. (org.). Topics in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

GILQUIN, G. The place of prototypicality in corpus linguistics: causation in the hot seat. *In: GRIES, S. STEFANOWITSCH, A. Corpora in cognitive linguistics: corpus-based approaches to syntax and lexis*. Berlin/NY: Mouton, 2006.

GIVÓN, T. *Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.v. 1

GOLDBERG, A. Constructionist approaches. *In: HOFFMAN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

_____. Compositionality. *In: RIEMER, Nick. (org) The Routledge Handbook of Semantics*. Londres: Routledge. 2016.

GOLDBERG, A.; JACKENDOFF, R. The English resultative as a family of constructions. *Language* [s. l], v. 80, n. 4. 2004.

HAIMAN, J. *Natural syntax: iconicity and erosion*. Cambridge: CUP, 1985.

HALLIDAY, M. *An Introduction to Functional Grammar*. Baltimore, Maryland: Edward Arnold, 1994 [1985].

HASPELMATH, M. The geometry of grammatical meaning: semantic maps and cross-linguistic comparison. *In: TOMASELLO, Michael. (Org.) The new psychology of language*. vol.2. London: Lawrence Earlbaum Associates, 2003.

ISRAEL, M. *The grammar of polarity: pragmatics, sentitivity and the logic of scales*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

KAY, P.; MICHAELIS, L. Constructional Meaning and Compositionality. In: C. MAIENBORN, C.; von HEUSINGER, K.; PORTNER, P. (eds.), *Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning*. Berlin: de Gruyter, 2012. v. 3.

KORTMANN, B. *Adverbial subordination*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. What categories reveal about the mind. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.

_____. *Foundations of Cognitive Grammar: descriptive application*. vol 2. Stanford: Stanford University Press, 1991. v. 2.

_____. *Grammar and conceptualization*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999.

_____. *Introduction to Cognitive Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

_____. *Essentials of Cognitive Grammar* Oxford: Oxford University Press, 2013.

_____. Subordination in a dynamics account of grammar. In: VISAPÄÄ, L.; KALLIOKOSKI, J.; SORVA, H. (Orgs.) *Contexts of subordination*. Amsterdam: John Benjamins, 2014.

LYONS, J. *Introduction to theoretical linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and 'subordination'. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Orgs.) *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

MICHAELIS, L. Continuity within three scalar models: the polysemy of adverbial still. *Journal of Semantics*, vol.10.1993.

_____. Expectation Contravention and Use Ambiguity: The Vietnamese Connective *cung*. In: *Journal of Pragmatics*, [s. l], v. 21, n. 1, p.1-36, 1994.

MICHAELIS, L. Sign-Based Construction Grammar. In: Hoffman, T.; Trousdale, G. (Orgs.), *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

MONTOLÍO, E. On affirmative and negative complex conditional connectives. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (Orgs.) *Cause, condition, concession and contrast*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

NEVES, M. H. M. As construções causais. In: ____ (Org.). *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora Unicamp, 2002. v. 7.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Ensino de língua e vivência de linguagem*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

_____. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora Unesp, 2011 [2000].

_____. *A Gramática passada a limpo*. São Paulo: Parábola, 2012.

NEVES, M. H. M.; CONEGLIAN, A.V. L. *O tratamento funcional da linguagem*. São Paulo: Editora Mackenzie. No prelo.

ROSCH, E. Cognitive representations of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology*, [s. l], vol. 104, n. 3, p. 192-233. 1975.

SLOBIN, D. The origins of grammaticizable notions: beyond the individual mind. In: SLOBIN, D. (Org.) *The crosslinguistic study of language acquisition: expanding the contexts*. Now York: Psychology Press, 1997. v. 5.

SWEETSER, E. Compositionality and blending: semantic composition in a cognitive realistic framework. In: JANSSEN, Theo; REDEKER, Gisela. *Cognitive linguistics: foundations, scope and methodology*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999.

TALMY, L. *Toward a Cognitive Semantics*. Cambridge: MIT Press, 2000. v. 1.

Abstract

The semantic organization of grammatical categories: a constructional analysis of concessive adverbial subordinators

*Within the universe of the category of concessive adverbial complex subordinators, this study aims at explicating the compositional patterns of these adverbial subordinators, in such a way to propose how they are organized within a semantic space of concessivity. In this sense, two hypotheses are developed here: (i) it is argued that the way in which morphosyntactic properties map onto semantic properties in the establishment of complex grammatical categories is the result of compositional operations implicated in the established of the constructional meaning of linguistic tokens; (ii) it is considered, then, that the organization of concessive adverbial subordinators is based on their constructional compositional properties. The study shows that concessive adverbial subordinators are organized around a prototypical center formed of the conjunctions *embora*, *ainda que* and *conquanto*, which are semantically less specified.*

Keywords: *Concessivity. Adverbial subordinator. Constructional compositionality.*